

O BIBLIOTECÁRIO COMO AGENTE EDUCACIONAL

Maria da Glória de Araújo Harrison, CRB-7/780*

RESUMO: Uma reflexão sobre a importância crescente do bibliotecário, ressaltando, porém, a necessidade de não se perder de vista o objetivo maior da biblioteca, o leitor. Chama a atenção ainda para a valorização da leitura por esse profissional, para que o mesmo esteja realmente engajado na informação e conheça a biblioteca também como usuário.

“Não devo julgar-me, como profissional, “habitante” de um mundo estranho; mundo de técnicos e especialistas salvadores dos demais, donos da verdade, proprietários do saber, que devem ser doados aos “ignorantes e incapazes”... Se procedo assim, não me comprometo verdadeiramente como profissional nem como homem. Simplesmente me alieno”(Freire, p.20).

1 Introdução

Desde a Idade Média, que os repositórios de informações (livros) já eram organizados e guardados por alguém, um estudioso que, nos mosteiros, guardava a sete chaves seu acervo tão precioso, como bem o documenta Umberto Eco em “O nome da rosa”.

Esse estudioso, que conhecia e amava essas obras ciosamente, era o bibliotecário da época.

Com o passar do tempo, as técnicas foram-se aperfeiçoando. Surgiram sistemas para organização e recuperação desses acervos, e o bibliotecário foi-se tornando um profissional mais e mais necessário, à medida que a informação é fundamental ao desenvolvimento; e ele é o profissional que trata da mesma.

* Bibliotecária da Biblioteca Regional de Niterói. Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

Nos dias atuais, apesar de toda a crise e dificuldades por que passamos em nosso país, encontramos, a cada dia, mais profissionais trabalhando nas diversas áreas de conhecimento, seja atuando em bibliotecas ainda bem rudimentares, ou em centros de informação adiantadíssimos, totalmente informatizados.

O grande número de concursos públicos realizados nos últimos anos no Rio de Janeiro, tanto para o poder executivo quanto legislativo e judiciário, na esfera federal, estadual e municipal confirma a necessidade crescente desse profissional.

Atualmente, com o uso rotineiro do computador em nossas bibliotecas, fica cada vez mais patente a importância da figura do bibliotecário como agente educacional, pois temos uma técnica já bastante avançada, conquanto não possamos esquecer o caráter humanista imprescindível à profissão, já que atuamos como intermediários entre a informação e o usuário.

2 Atendimento ao leitor

A biblioteca é aquele lugar aonde vamos quando necessitamos de informação para responder a uma indagação, ou mesmo para nos deleitarmos com uma leitura agradável. Para tanto, é necessário que lá atuem profissionais que saibam não só sistematizar a informação ali depositada, mas, sobretudo, sejam capazes de responder às nossas perguntas, e mais importante, gostem de fazê-lo. Pois, não adianta ter a biblioteca mais moderna, melhor organizada e com o acervo super atualizado, se não houver leitor para esse acervo.

“Em 1957 Ranganathan escreveu que **O serviço de referência é a razão precípua e a culminância de todas as atividades bibliotecárias**”(Grogan, p.33).

Não podemos perder de vista que a atenção ao leitor deve ser nosso primeiro objetivo. Edson Nery da Fonseca dizia que valia “Ser

bibliotecário para fazer do livro um meio e não um fim, para olhar o leitor, como o verdadeiro objetivo da biblioteca; Ser bibliotecário para estar a serviço dos que estudam” (Fonseca).

Existem muitos estudos a respeito do atendimento ao usuário, e o bibliotecário que tem o hábito da leitura e frequenta bibliotecas, já deve ter-se colocado na pele de leitor e sentido as dificuldades pelas quais os mesmos passam.

Já passei pela experiência em uma grande biblioteca do Rio de Janeiro, de precisar ler as Normas da ABNT por estar estudando para Concurso, e não poder entrar com as minhas para não confundir com as obras do acervo. Dirigi-me, então, à bibliotecária que estava no atendimento, apresentei-me como profissional e solicitei as ditas normas para estudo local. Ela respondeu-me que não poderia emprestá-las pois eram para uso exclusivo do trabalho. Com uma atitude dessas, o bibliotecário pode autodenominar-se “profissional da informação”?

Alguns autores já expressaram a dificuldade do usuário nas bibliotecas:

“As pesquisas têm mostrado repetidamente que muitas pessoas não se sentem à vontade nas bibliotecas”(Grogan, p.89).

“Acredito que todos nós tivemos experiências negativas em algumas bibliotecas deste país, principalmente quando nos deparamos com um bibliotecário “seco, frio e distante” em relação às nossas inquietações e buscas”(Silva, p.15).

“O bibliotecário pode encontrar exatamente o que a pessoa solicitou; porém a faz sentir-se tão infeliz durante esse processo que ela jamais retornará” (Tibbetts apud Grogan, p. 95).

Não basta a biblioteca ter uma boa coleção de referência, um bom sistema de recuperação de informações e um bibliotecário hábil; há

que se ter interesse no que se está fazendo, boa vontade para ajudar o próximo e flexibilidade para lidar com as normas da biblioteca.

Devemos ter sempre em mente que temos o poder de aproximar ou afastar o leitor da biblioteca, de acordo com o tratamento que dispensarmos a ele.

Não é só o profissional da Referência que está trabalhando para o usuário, mas sim, toda a equipe, quando decide que assuntos determinar para tal obra, como localizá-la na estante, qual sistema usar na indexação para uma melhor recuperação da informação, etc.

O bibliotecário se valoriza e realiza no momento em que passa a assumir essa postura de agente engajado no processo educacional, pois “Não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo” (Freire,p.29).

Infelizmente, há uma triste inversão de valores; é muito comum encontrar-se nas bibliotecas, no setor de atendimento, justamente pessoas mais despreparadas, auxiliares, estagiários, bibliotecários inexperientes ou desinteressados, como se esse serviço fosse menos nobre, menos importante dentro da biblioteca. Esse é um grande erro das chefias de nossas bibliotecas, pois é o nosso cartão de visita; aí é que reside nossa maior responsabilidade. Pelo atendimento recebido, o leitor forma sua opinião a respeito da biblioteca e do bibliotecário.

3 Hábito de leitura

“Como pode alguém orientar e compreender o usuário se ele mesmo não possui habilidades de leitura?”(Silva, p.15).

É fundamental que o bibliotecário para orientar bem os leitores, tenha o hábito e o prazer da leitura e conseqüentemente passe a freqüentar

biblioteca, mesmo que esporadicamente, vendo-se assim no papel de leitor, conhecendo as dificuldades a que ele está sujeito.

Enquanto o bibliotecário continuar priorizando a técnica e limitando sua atenção profissional a esses serviços, tenderá a perder o espaço que ao longo dos séculos conseguiu conquistar na sociedade. É preciso que ele destaque o lado humano, o contato com as pessoas e com a produção intelectual da humanidade, pois isso é o que as máquinas ainda não fazem.

Assim escreve uma jornalista “Ao fazer esta reportagem, descobri também a importância do bibliotecário em termos educacionais – na verdade, ele é quase um educador -, a partir do momento em que está nas suas mãos indicar este ou aquele livro ao usuário” (Monteiro, p.11).

Não só a leitura técnica é importante para sua atualização profissional, mas também a leitura como lazer e a informativa, dos problemas que o cercam.

O profissional, para bem informar, tem de ser bem informado; para despertar o prazer pela leitura, tem de antes sentir esse prazer; o livro, para o bibliotecário, deve representar não só um instrumento de trabalho, para levar a informação aos outros, mas antes de tudo, um amigo inseparável.

O bibliotecário deve procurar ter o hábito da leitura, pois só assim torna-se realmente um profissional da informação. É inconcebível um profissional que diga que não lê por não dispor de tempo para isso, como já escutei muitos dizerem.

O curso de Biblioteconomia deve incentivar sempre isso em seus alunos, pois temos uma grande responsabilidade em nossas mãos, e, também, quem mal lê, mal escreve.

4 Conclusão

Para finalizar, gostaria de registrar que acredito na capacidade que o bibliotecário tem de ajudar a melhorar o mundo, dando o melhor de si, e, que a nossa é uma profissão que só tende a crescer e mostrar a sua necessidade, mas depende muito de nós esse crescimento e essa valorização. Não adianta ficarmos reclamando reconhecimento, mas sim, mostrarmos que somos capazes. E estamos aqui para exercer nosso papel, engajados como profissionais da educação e da informação, assumindo nossa responsabilidade de disseminadores da informação, lembrando sempre que trabalhamos para o próximo e não para nós mesmos.

5 Referências bibliográficas

- 1) AMARAL, Sueli Angelica do. Serviços bibliotecários e desenvolvimento social: um desafio profissional. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.2, p.221-227, maio/ago.1995.
- 2) ECO, Umberto. **O nome da rosa**. 34.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1983. 562p.
- 3) FONSECA, Edson Nery da. **Ser ou não ser bibliotecário**. Brasília: UNB, 1966. 5p.
- 4) FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 79p.
- 5) GROGAN, Denis. **A prática do serviço de referência**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1995. 196p.
- 6) MONTEIRO, Gabriela. Uma profissão emergente. **Palavra-Chave**, São Paulo, n.2, p.11, ago.1982.

- 7) OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. Um estudo de auto-imagem profissional do bibliotecário. **Palavra-chave**, São Paulo, n.2, p.8-10, ago. 1982. Resumo da dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Biblioteconomia da UnB, 1980.
- 8) SILVA, Ezequiel Theodoro da, org. **O bibliotecário e a análise dos problemas de leitura**. Campinas: ALB, 1986. (Cadernos da ALB, 1) 36p.
- 9) _____. Teoria e prática da leitura: eis o que falta ao nosso bibliotecário. **Palavra-chave**, São Paulo, n.3, p.13-15, out. 1983.
- 10) SOUZA, Francisco das Chagas de. A construção escolar do bibliotecário brasileiro: ontem, hoje, amanhã. **Ciência da Informação**, Brasília, v.20, n.2, p.181-190, jul./dez. 1991.